

A cultura como dupla mediação social e a tese das três mudanças estruturais na sociedade contemporânea

Marcelo Bolshaw GOMES¹

Resumo

O presente texto tem como objetivo definir a noção de cultura como uma dupla mediação social. Para tanto, esboça uma breve história fenomenológica da noção de cultura. Neste percurso, levantam-se três questões sobre as mudanças estruturais na sociedade atual: a cultura de massas absorveu definitivamente a cultura popular e a cultura de elite? Há diferença entre consciência planetária e globalização cultural, reduzindo as diferenças culturais aos fatores simbólicos? E finalmente, será o fim de um longo período patriarcal como modelo de organização das relações sociais?

Palavras-chave: Cultura. Mediação social. Sociedade contemporânea

Introdução: as muitas definições de Cultura

Parafrazeando Marx²: em sua vida social, os homens entram em determinadas relações entre si, independentes de suas vontades, relações sociais que correspondem a um modo de desenvolvimento da sociedade frente ao meio ambiente. Pode-se, assim, definir “Cultura” como uma dupla mediação: como uma mediação das relações entre a Sociedade e a Natureza e como uma mediação das relações dos homens entre si. A Cultura configura as relações sociais em um determinado modo de vida.

TABELA 1 – Dupla mediação cultural

Natureza x Homem	Homem x Homem
Memória Social	Modelo de Relação

Como mediação do intercâmbio do conjunto das relações sociais com o meio ambiente, a cultura é uma memória social, isto é, um depósito de informações históricas

¹ Doutor em Ciências Sociais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - PPGEM/UFRN.

² Prestamos uma homenagem crítica ao famoso *Prefácio à Crítica da Economia Política*, justamente o texto que permite uma interpretação economicista do marxismo, quando destacado dos escritos marxistas.

para as futuras gerações e sociedades. E como mediadora interna das relações sociais, a cultura é um modelo que regula o relacionamento interpessoal em diferentes instâncias.

Ao estudar a mudança social em sociedades de espécies animais não-humanas, os biólogos da complexidade *Francisco Varela e Umberto Maturana* (2001), usaram o termo “acoplamento estrutural mútuo” para caracterizar esta dupla mediação entre o meio ambiente e as relações entre os elementos da espécie. Sendo assim, são relações universais e são encontradas em diferentes tempos e locais.

Ao contrário, nos últimos séculos, tornou-se lugar comum afirmar que a Cultura surgiu da 'desnaturalização' do Homem, que não aceitando ser apenas uma parte da Natureza, decidiu destacar-se dela e transformá-la. A noção de 'Cultura' passou a ser utilizada para distinguir a espécie humana da dos outros animais. Desde então, a noção de Cultura passou por várias transformações e metamorfoses, como veremos nas diversas definições a seguir, mas só recentemente perdeu esse caráter de oposição radical ao biológico e ao meio ambiente.

Neste sentido, uma noção abrangente, capaz de englobar várias outras, foi elaborada por E. Sapir: "A cultura é o conjunto de atributos e produtos resultantes das sociedades que não são transmitidos através da hereditariedade".

Algumas culturas não têm uma palavra específica para a ideia de Cultura. E isto não significa que essas culturas não tivessem desenvolvido formas 'avançadas' de consciência de si enquanto sociedades organizadas. Os gregos, por exemplo, tinha a *MÁTHÊMA*, a ideia de 'algo abstrato' que se opõe à ideia de 'Natureza' ou *PHISIS*. Palavra Latina *CULTÛRA* - que significa 'lavoura, cultivo dos campos' e, ao mesmo tempo, 'instrução, conhecimentos adquiridos' - vai surgir nos primeiros séculos do milênio em Roma, mas não será utilizada para definir os traços distintivos dos diferentes povos do Império.

Em todo caso, como diz Baitello, dois conceitos distintos de cultura já se configuram: (...) “um em que o objeto de cultivo é externo ao cultivador e outro em que o objeto de cultivo é o próprio cultivador”. (BAITELLO, 1997.)

A primeira vez que o termo 'cultura' aparece como um conceito de cunho antropológico é na Alemanha, em 1793, no verbete *Kultur* do *Dicionário Adelung*³: "A cultura é o aperfeiçoamento do espírito humano de um povo".

Assim, haveria diferentes níveis de 'aperfeiçoamento espiritual' entre as etnias e subentende-se que cada povo teria um determinado grau de desenvolvimento nesta

³ Esta definição, bem como as positivistas e funcionalistas são da Enciclopédia Mirador, verbete 'Cultura'.

escala. Desde o início a noção de cultura foi etnocêntrica porque desqualificava as sociedades 'primitivas' e tradicionais frente a sua própria e suposta superioridade cultural.

Com a Revolução Francesa e o aparecimento do ideal de cidadania, o termo Cultura será frequentemente associado à ideia de um sistema de atitudes, crenças e valores de uma sociedade e oposto à noção de Civilização, geralmente visto como seu complemento material, sua “base física”.

Definições positivista e funcionalista

O positivismo, por exemplo, define a cultura em oposição à natureza a partir de sua exploração predatória e utilitária. W. Von Humbolt, por exemplo, afirma que *"a cultura é o controle científico da natureza"*. F. Barth, por sua vez, ainda elabora melhor a noção de cultura distinguindo-a da de ciência: *"A ciência controla a natureza. A cultura é o controle que o homem exerce sobre si mesmo"*.

Aliás, há na bandeira nacional brasileira um slogan dos ideais positivistas bem explicativo desta dupla relação: “Ordem e Progresso”. O “Progresso”, tanto no sentido científico como no de crescimento econômico, corresponde à Natureza; e “Ordem”, à Sociedade e à Cultura. Esta ideia positivista de Cultura associada à noção de progresso como um estágio de desenvolvimento social, segundo a qual um povo tem 'mais cultura' que outro ainda 'primitivo' logo foi rechaçada pelos antropólogos funcionalistas. Assim, durante muito tempo, enquanto os pensadores conservadores tinham uma ideia evolucionista da cultura; os progressistas tinham uma visão sincrônica da Cultura: *"A cultura é um conjunto funcional formado pelas diferentes instituições de uma sociedade"*. (B. Malinowski)

O funcionalismo é um movimento teórico amplo, que pode ser definido pela ideia de considerar os sistemas como conjuntos de partes interdependentes. A essa interdependência chama-se “função”. As definições funcionalistas de Cultura no campo da sociologia da ação social não se baseiam na comparação histórica entre diferentes sociedades, ao contrário: são autocentradas, isto é, tomam a si mesma como objeto de estudo e sujeitas de si. Elas enfatizam bastante a distinção entre 'objetividade física' e a cultura, entendida como o conjunto das formas de subjetividade social. Para Mc Iver: *"a civilização é formada pelos meios de uma sociedade; a cultura, por seus fins"*; e para

R. Merton: "*Civilização é a coleção de meios tecnológicos para o controle da natureza. Cultura inclui ainda ideais, princípios normativos e valores éticos*".

Podemos, assim, dizer que há uma definição antropológica de cultura abrangendo toda totalidade social e uma definição sociológica, em que a ideia de cultura é apenas a parte subjetiva desta totalidade, oposta a ideia de economia.

Definição Freudiana

Além de sua significativa contribuição para psicologia, Freud também foi um importante autor da questão cultural, principalmente sobre sua relação com a violência humana. No caso da violência e dos impulsos destrutivos da pulsão de morte, Freud afirmava a existência de um assassinato primordial do chefe da horda.

Em *Totem e Tabu* (1969a), Freud postula o complexo de Édipo como o evento fundador do social através um parricídio arcaico estruturante: por não terem acesso às fêmeas da Horda, os jovens teriam se associado e morto o macho mais velho do grupo. A destruição do pai teria gerado um profundo sentimento de culpa nos assassinos, se transformado em símbolo de adoração e produzido uma intensa necessidade permanente de reparação. Deste quadro teria se originado o sistema totêmico, onde se institui a adoração de um totem e a aceitação das interdições evitando o incesto.

Em *O futuro de uma Ilusão* (1969b), Freud voltará à questão da Cultura e do Complexo de Édipo, enfrentando o tema da sublimação não apenas em sua relação estrutural com a religião, mas, sobretudo, o do destino de nossa civilização. Em um texto normativo, que se utiliza um interlocutor fictício em sua argumentação, Freud discorre sobre a cultura como um conjunto de regras formadas a partir da renúncia dos instintos animais. Neste contexto, a religião seria uma 'neurose coletiva', uma ilusão capaz de absorver a carga pulsional reprimida em uma sociedade. Aqui a sublimação tem ainda um papel positivo fundamental: ela deveria eliminar toda carga pulsional reprimida.

No livro *Mal-estar na Civilização* (1969c), no entanto, esta última ilusão também cairá por terra. Neste livro, Freud tentará responder à pergunta: considerando que a sociedade impõe cada vez mais uma drástica redução da satisfação individual, a felicidade humana é possível? Freud profetizou um destino trágico para o homem: sucumbir vítima da própria tentativa de se desanimalizar. O que equivale a dizer que Natureza e Sociedade são irreconciliáveis e que a Cultura é um projeto suicida.

Definições Marxistas

Embora sem abordar diretamente a noção de cultura, duas ideias de Karl Marx em especial tiveram uma enorme repercussão na forma como entendemos o termo atualmente: A) a relação dialética entre determinismo e ação social - ou entre os pensamentos de Hegel e Feurbach na *Ideologia Alemã* (2004) - e B) a luta de classes como motor da história, no *Manifesto Comunista* (2005). Para Marx, são os homens que fazem a própria história ao mesmo tempo em que são feitos por ela. Porém, os homens fazem a história sem saber, sem ter consciência das suas reais condições de existência. Aliás, essas “formas de consciência social” (ou cultura) seriam determinadas por essas condições reais de existência. Há uma equivalência entre as noções clássicas de Civilização e Cultura com os conceitos marxistas de infraestrutura econômica e superestrutura social.

Outra contribuição decisiva de Marx à noção de Cultura foi a descoberta de que vivemos uma luta permanente entre classes sociais. A Cultura, nessa perspectiva, seria sempre uma ilusão de identidade social, que as classes dominantes utilizam para se perpetuar no poder, negando aos dominados o direito à própria imagem e à consciência de sua situação real de explorados.

Um aspecto do marxismo muito debatido em relação à noção de Cultura é a crítica desenvolvida por Max Weber, sobre a predominância da infraestrutura econômica na totalidade social e a necessidade de ter uma visão múltipla dos fatores determinantes das sociedades. Para Weber, a economia só era um fator determinante da sociedade capitalista; outras sociedades teriam outros fatores determinantes (políticos, religiosos, culturais) Assim, por exemplo, as castas indianas não podem ser interpretadas como “classes sociais” porque haveria uma determinação étnico-religiosa e não uma determinação econômica.

Muitos marxistas atuais responderam à crítica weberiana e à interpretação equivocada de apresentar um Marx economicista (que reduz a vida social aos fatores econômicos) de sua própria teoria.

Louis Althusser (1998), por exemplo, esclarece a perspectiva original de Marx, que compreende o condicionamento recíproco de todos fatores objetivos de uma totalidade social. Althusser acredita que Marx quis dizer que a infraestrutura econômica era determinante “em última instância”, isto é, que levados em conta todos os fatores de condicionamento da estrutura social em seu conjunto, o fator material teria a última

palavra – o que é bem diferente do determinismo econômico. Além da noção de uma “determinação em última instância”, Althusser também postulou a ideia de uma “sobredeterminação” - ou de um fator predominante em primeira instância - assimilando assim o poli determinismo do idealista de Weber ao modelo materialista do marxismo.

Outra atualização decisiva da teoria marxista em relação ao conceito de cultura é o trabalho do italiano Antônio Gramsci (2000). Ele foi um dos primeiros a destacar o papel dos intelectuais na organização da cultura, principalmente na segunda etapa de cada modo de produção.

Nessa ótica, tal qual os plebeus no Império Romano ou a Igreja no Regime Absolutista, as classes intermediárias da cultura do pós-guerra, criadas às margens da produção material, representam um papel decisivo em uma nova estratégia: a defesa dos interesses coletivos das classes dominantes em detrimento de seus interesses individuais, sob a forma de uma super centralização do poder político ou ‘intervenção estrutural do Estado na economia’.

Mas não é só: seguindo a tradição maquiavélica que dita que o poder age ora através da violência, ora através da dissimulação, Gramsci vê na Cultura não apenas uma forma de alienar os trabalhadores de sua consciência coletiva, mas, sobretudo a possibilidade de torná-los conscientes de suas condições de vida. A Cultura aqui mais que expressão pura e simples da ideologia da classe dominante é vista também como forma de consciência global, instrumento e produto de solidariedade inconsciente dos homens. A ideia de hegemonia social de um grupo social sobre outros, tanto se fundamentaria no uso da força institucional da “Sociedade Política” como também na capacidade de produzir consenso na “Sociedade Civil”. Apesar de se ter que conspirar contra os próprios hábitos e costumes, Gramsci imaginava ser possível engendrar uma estratégia de contra hegemonia cultural a partir da Sociedade Civil e conquistar eleitoralmente a Sociedade Política, fazendo uma “revolução cultural”.

Durante a primeira metade do século, houve várias tentativas diferentes de elaborar uma definição de cultura que combinasse as ideias de Marx e Freud em uma única metodologia: W. Reich, J. P. Sartre, H. Marcuse.

Porém, a Escola de Frankfurt, pelo fato de ter elaborado a noção de “indústria cultural” merece especial atenção, pois foi esse heterogêneo grupo de pensadores alemães defensores de uma “Teoria Crítica”, o primeiro a caracterizar a produção cultural como uma atividade econômica de infraestrutura, compreendendo ainda sua dimensão psicológica e ideológica.

Walter Benjamin (1985) certamente é o mais interessante e original de todos. Pensador marxista, místico e crítico de arte ao mesmo tempo; ele formulará um “materialismo perceptivo” em que diferentes “sensibilidades históricas” correspondem a suas realidades sociais. Seu trabalho mais importante, *A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica*, descreve o impacto da industrialização generalizada dos objetos sobre a percepção e sobre a “áurea” de singularidade sagrada da obra de arte.

Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) destacaram-se principalmente pela crítica histórica aos ideais do Iluminismo, à constituição da Ciência como uma razão instrumental a serviço de interesses sociais e à ideia de Indústria Cultural, considerada um produto ideológico do capitalismo que substitui a experiência estética e aliena o homem de sua realidade.

Ao contrário de Walter Benjamin que considerava o cinema uma arte revolucionária (chegando até redigir uma novela radiofônica com seu amigo Brecht), Adorno e Horkheimer são conservadores em relação à nova experiência estética proporcionada pela comunicação. Também Jürgen Habermas (1984) faz parte da Escola de Frankfurt devido sua crítica radical à modernidade, à ciência e à técnica como formas de ideologia dominante.

E o importante é que essas contribuições estabeleceram o paradigma moderno como um conflito entre três culturas rivais: a Cultura de Massas é produto da reprodutividade técnica e da industrialização cultural; a Cultura Popular, a expressão artesanal de diferentes resistências regionais à industrialização; e a Cultura de Elite, o culto à sofisticação formal e à hipersensibilidade, que crê na técnica apenas como habilidade e virtuosidade.

E aqui está, a partir desses autores, nossa primeira questão: com a globalização, a cultura de massas absorveu definitivamente a cultura popular e a cultura de elite, eliminando quase todas as resistências locais a sua supremacia, mas segmentando públicos-alvo a nível internacional?

Definições Estruturalistas

A publicação póstuma da obra de Ferdinand de Saussure (1980) representou o surgimento simultâneo da linguística como disciplina científica, da semiótica como estudo sistemático dos signos e do estruturalismo como movimento filosófico e metodológico.

Foi, assim, o primeiro passo em direção a uma meta codificação da linguagem, principalmente através da noção de consciência social aplicada no conceito de ‘língua’, entendida simultaneamente como um sistema de signos e um fenômeno social. Antes de Saussure, estudavam-se as línguas e os idiomas através significado histórico das palavras e de suas associações às coisas designadas, mas com a noção sistêmica de língua, os signos se tornaram referentes imediatos uns dos outros e a linguagem tornou-se a representação estática do mundo.

À esta noção a-histórica de língua, Saussure opunha a atividade individual da fala (ou parole). Esta funcionaria associando e excluindo signos daquela, que por sua vez se atualizaria mediante as novas associações da primeira. Assim, a oposição entre língua e fala seria o primeiro dos diversos pares de opostos da teoria saussuriana (significado x significante, sincronia x diacronia, paradigma x sintagma, etc).

Como Saussure se ocupou mais de linguística do que de semiologia (que ele considerava sendo uma ciência mais geral porque também abrangeria os signos não verbais) e mais da “língua falada” do que da “língua escrita”, suas ideias foram aperfeiçoadas em outras áreas.

A transposição desses conceitos para noção de cultura, entendida como um sistema de elementos interdependentes, deu origem a ideia de dicotomia entre “Estrutura Social” (correspondendo à língua) e a Ação Social (referente ao papel desempenhado pela fala). E essas ideias tiveram um papel importante na elaboração de uma antropologia estruturalista. *"Cultura é o conjunto das relações sociais que servem de modelo estruturante de um determinado modo de vida"*. (Radcliff- Brown)

Dando sequência a tradição antievolucionista e anti etnocêntrica do funcionalismo, a antropologia estruturalista voltou a definir a Cultura como totalidade social a-histórica, em oposição dialógica (e não dialética) à Natureza. Neste modelo, a Natureza é o universal, o espontâneo e o inconsciente; enquanto a Cultura corresponde ao conjunto das regras relativas e particulares.

Apesar de ser um formalismo duplamente sem sujeito (sem agentes sociais nem autorreferência de observação), o estruturalismo foi uma dupla reviravolta contra o etnocentrismo científico e o relativismo cultural, formando um inventário metódico do drama universal do homem em suas culturas. Assim a Cultura também é a imagem que a sociedade faz de si mesma, há diversas culturas e uma única natureza e a missão antropológica é descrever o conjunto dessas relações.

Porém, a distinção entre fonética e fonologia proposta por Roman Jakobson (1971) e pela Escola de Praga mudou parcialmente a análise estruturalista, colocando-a em uma perspectiva histórica, uma vez que propôs não apenas a substituição definitiva da língua pela fala como núcleo cognitivo da linguagem, mas também estabelecendo o esquema de elementos da comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, referência e contexto) e a distinção do estudo acústico do aparelho fonador de qualquer significação social imediata. Assim, enquanto a fonética estuda a linguagem em relação sincrônica à sociedade, a fonologia - que hoje se transformou na fonoaudiologia - estuda a evolução 'natural' da fala.

Essas mudanças propostas por Jakobson serviram de base para que outros pensadores elaborassem definições semióticas da noção de cultura. Por exemplo: *“Cultura é um signo complexo: mensagem, código e contexto; ao mesmo tempo”* ou *“A cultura é conjunto de referências comuns a emissor e receptor”*.

Uma definição mais completa precisaria detalhar todas seis funções da linguagem na Cultura: manter os homens em contato entre si e com o meio ambiente (função fática); contextualizar esse contato recíproco e organizá-lo no tempo/espço (função referencial); identificar e padronizar as regras e as rotinas para este contato, gerando um código de decifração de sinais (função metalinguística); transmitir sinais (função emotiva); perceber sinais (função conativa); e, finalmente, comunicar, “tornar comum”, “dividir” situações e experiências de vida (função poética).

Ao mesmo tempo em que reduziu a importância dos pares “Língua e Parole” e “Sincronia e Diacronia”, priorizando a perspectiva histórica e a fala (ou a práxis linguística individual) em detrimento da ideia de uma estrutura estática, Jakobson também colocou em primeiro plano os pares “Metáfora e Metonímia” e “Sintagma e Paradigma”.

Estes últimos seriam, para ele, os eixos de sucessividade e simultaneidade da linguagem. Assim, uma música, por exemplo, teria sua melodia como eixo sintagmático (a sucessão de notas no tempo contínuo) e sua harmonia como eixo paradigmático (notas simultâneas dentro de um acorde). E este mecanismo, possibilita ao estruturalismo pensar mais ampla em termos de frases, discursos, textos; e não apenas de signos isolados.

Coube a Claude Levi-Strauss (1967 e 1976) introduzir o *novo estruturalismo* de Jakobson no campo da antropologia. Aperfeiçoando a noção de estrutura social, como um modelo de múltiplas determinações das relações sociais, Levi-Strauss critica seus

antecessores por verem nos discursos e nas ações individuais meras execuções da estrutura social e não seu núcleo cognitivo. De forma que, para ele, a possibilidade de uma ação individual se exercer se encontra estruturalmente determinada sem que disto decorra uma obediência cega e inconsciente às regras sociais como em Saussure e na maioria dos estruturalistas; nem que, ao contrário, se caia em uma atitude deliberada e intencional, como na fenomenologia e no idealismo weberiano.

Mas, mais do que um mero adaptador do estruturalismo de segunda geração à antropologia, Levi-Strauss vai propor uma síntese em que a luta entre ação e estrutura formada por três códigos de troca interdependentes: a economia, a linguística e o parentesco. Assim, a cultura seria o conjunto de três tipos de regras de troca.

De modo que, além de sistema linguístico, a noção de cultura para Levi-Strauss contempla também um sistema de relações de produção e de distribuição (em uma alusão a metodologia marxista e à “divisão social do trabalho”) e um sistema de relações de parentesco (em uma alusão às ideias de inconsciente e de recalque da vida pessoal de Freud). Porém, enquanto Freud crê no complexo de Édipo e na sublimação dos instintos, Levi-Strauss prefere descrever o tabu do incesto matrilinear como o centro de um sistema de recorrências involuntárias que tem como estrutura a perpetuação das relações de parentesco, isto é: a reprodução de um modelo de trocas sexuais, que hoje chamamos de “relações de gênero”.

Resumindo: para a sociologia, a cultura é o aspecto imaterial da sociedade; e para antropologia, principalmente a partir de Levi-Strauss, a Cultura (com 'c' maiúsculo) é o conjunto das regras sociais de uma estrutura tríplice. No entanto, enquanto as definições sociológicas, por levarem em conta o desenvolvimento histórico da sociedade, muitas vezes resvalam para o evolucionismo e para o etnocentrismo, as definições antropológicas caem no relativismo cultural e em um universo em que não existem mudanças significativas.

Há uma anedota que afirma que, antigamente, quando se estava com fome urrava-se; quando se queria uma fêmea, uiva-se; e quando se queria lutar contra um inimigo, rosnava-se. Hoje, quando se quer conquistar uma companheira, o homem escreve um poema; para se alimentar, redige um projeto; e, para fazer frente a um inimigo, publica uma matéria jornalística. De forma que o homem continua lutando com a fome, com as mulheres e com seus desafetos – ou com os códigos econômicos, de parentesco e linguísticos. No que diz respeito à intencionalidade: "Nada há de novo sob o sol".

E aqui coloca-se uma segunda questão: Mas o que realmente mudou? E o que permanece igual? E se todas as culturas partilham dessa estrutura social tríplice, será que a globalização não reduziu a cultura a um simples estilo social, a um mero traço distintivo de grupo específico?

Definição Cibernética

Para Nobert Wiener (1949), a Cibernética é “a ciência da comunicação e do controle dos homens, das máquinas e dos animais”. A Cibernética, na verdade, aperfeiçoou a noção de autorregulação cultural do funcionalismo (T. Parson, R. Merton) que a considerava como uma sincronia das partes (as instituições) em relação ao todo (a sociedade). Wiener deu uma dimensão histórica à “homeostase” funcionalista e inseriu a categoria de ruído no lugar da ‘disfunção’ do sistema⁴.

Nesta ótica, vivemos em um universo em degradação térmica e biológica, em um sistema que tende à entropia, ao caos e à desorganização. A Cultura, nessa concepção tecno-trágica, pode ser definida como uma gigantesca máquina biossocial de luta contra o tempo e contra o ruído; ou melhor: como uma tentativa desesperada de instaurar a ordem social em meio ao caos natural.

O resgate da cibernética é particularmente importante porque permite a compreensão da informação agenciada em rede, uma vez que pensa as inter-relações entre receptores coletivos segmentados. Agora se trata de uma retroação múltipla e complexa, em que todos são simultaneamente emissores e receptores.

Será que o “fator futuro” se tornou determinante? – eis mais uma questão.

Cultura Midialógica

Da mesma forma que uma sociedade não formula problemas que não seja capaz de responder, também podemos dizer que as diferentes definições da noção de cultura refletem diferentes tempos e etapas de nossa vida social recente. Vivemos em um tempo

⁴ Mas o conceito central do pensamento cibernético é o de retroalimentação sistêmica (ou “feedback”), que é o retorno dos efeitos sobre as causas, dos resultados finais sobre as condições iniciais, das saídas de informação sobre as entradas de dados de um determinado sistema. Exemplos: o termostato de ar condicionado que diminui e aumenta de potência segundo a temperatura; os telefonemas dos ouvintes em um programa de rádio comentando e indicando músicas para programação; um olhar como resposta que logra a mudança de atitude do interrogante. Para Wiener, a retroalimentação é um retorno de aperfeiçoamento, de otimização do sistema, que caracteriza a reorganização progressiva contra a desordem e a tendência universal da entropia em todos os níveis.

mediático. Nada mais normal que nossa definição de cultura ser baseada na ideia de mediação. No entanto, é preciso observar que ela também representa um aperfeiçoamento progressivo do termo e de suas definições anteriores. Para compreendermos que há uma mediação dialética externa e uma mediação dialógica interna às relações sociais foi necessário entender as definições antropológica e sociológica de Cultura.

Também podemos dizer que para explicarmos a mediação interna da cultura foi necessário estudar as definições voltadas para a crítica do papel dissimulador da cultura (freudiana, marxista e estruturalista); enquanto para definir a mediação externa da cultura com o meio ambiente foi preciso revisar as definições que enfatizam a consciência coletiva, a identidade social, a memória e a ciência (positivistas, funcionalista e cibernéticas).

É claro que, neste enquadramento, selecionamos e ressaltamos alguns aspectos em detrimento de outros, omitindo muitas divergências e detalhes do pensamento de cada uma dessas correntes. De uma forma geral, gostaríamos de estabelecer um patamar para a definição midiológica de Cultura que compreende todas essas ideias: a práxis entre história e cultura dos marxistas; a releitura do estruturalista de Freud e da linguística; a análise semiótica; e, finalmente, a retroalimentação da Cibernética.

TABELA 2 – Definições específicas de cultura

TEORIA CRÍTICA	Indústria Cultural, Comunicação de Massa
DEFINIÇÃO SEMIÓTICA	Signo, Código e Contexto Social
DEFINIÇÃO CIBERNÉTICA	Máquina contra Entropia e o Tempo Linear
DEFINIÇÃO MIDIOLÓGICA	Dupla mediação social

Porém, o que realmente caracteriza as definições contemporâneas como “midiológicas” mais do que a soma dessas características é o fato de compreender a ideia de “Mídia”, não apenas como sendo formada pelos meios de comunicação, mas como extensões do corpo humano. Assim, “*o Meio é a Mensagem*”: o relógio de pulso é uma mídia, uma mediação entre o tempo social e nosso batimento cardíaco; o automóvel também é uma mídia, estendendo as capacidades motoras de nossos corpos em níveis eletromecânicos; e a televisão é uma mídia porque é uma prótese de nossa imaginação e não por ser uma empresa que produz e/ou veicula audiovisuais.

O resultado imediato desse modo de pensar é entender o aparecimento da escrita alfabética como o advento da memória social objetiva. A escrita distancia a fala do emissor do contexto do receptor, permitindo não apenas acumular informações e contar o tempo de modo contínuo (o advento da História), mas, sobretudo, gestar uma imagem objetiva e externa que a sociedade faz de si mesma (a ciência). E nessa ótica midiológica, a linguagem audiovisual interativa está agora provocando novas mudanças em nossa percepção do espaço tempo, em função da utilização crescente de novas tecnologias de comunicação em diversas áreas da sociedade contemporânea.

TABELA 3 – Teorias da pré comunicação social

EUROPA	EUA
ESCOLA DE FRANKFURT Benjamim, Adorno, Habermans	FUNCIONALISMO T. Parsons e R. Merton
2ª Guerra Mundial (1945)	
SEMIÓTICA R. Jakobson e Levi Strauss	CIBERNÉTICA Nobert Wiener
Contracultura (1968)	
MIDIOLOGIA Debret/McLuhan	SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO Castell, Morin

Dentre os diferentes autores atuais que defendem que estamos em um momento de transformação social em função das novas tecnologias de comunicação estão: McLuhan (1964), Kerckhove (1992) Levy (1993) e Debray (1998).

Conclusão

Há também pensadores que, mesmo admitindo mudanças estruturais na relação entre o tempo e a linguagem na cultura atual através da mídia, também levam em consideração outros fatores sociais, retomando a estrutura social tríplice de Levi-Strauss – como Castells e Morin.

Para o sociólogo Manuel Castells (1999), por exemplo, o efeito de sentido da mídia (das novas formas de relações semióticas) é apenas um fator estrutural de uma mudança maior. Há também outros fatores estruturais em jogo, como as relações sociais de produção organizadas em redes e as novas relações de experiência. Para ele, McLuhan (e de seus seguidores) leva em conta apenas um terço dos fatores estruturais

que estão modificando a sociedade, sendo preciso ainda avaliar as transformações existentes no mundo do trabalho e das relações de gênero.

Também para o pensador Edgar Morin (1977), o cenário cultural contemporâneo, entendido a partir dos anos 60, representa uma mudança antropológica de três crises interdependentes: a crise juvenil (ou da linguagem), a crise feminina (ou do patriarcalismo) e a crise ecológica. Para ele, essas três crises em conjunto estão modificando todo planeta.

Temos, assim, três questões conexas, cada uma referente a um código estrutural e uma crise antropológica: 1) em relação à crise juvenil e ao código semiótico, perguntamos se a cultura de massas absorveu definitivamente a cultura popular e a cultura de elite; 2) em relação à crise ecológica e ao código econômico, questionamos a diferença entre consciência planetária e globalização cultural, reduzindo as diferenças culturais aos fatores simbólicos; e 3) em relação à crise feminina e ao código de parentesco, indagamos sobre o fim de um longo período patriarcal como modelo das relações sociais, sobre o ‘novo tempo’ que vivemos.

Em relação à primeira questão, observa-se que antes, cada estado-nação se espelhava em uma ou mais identidades culturais, a representação cultural seguia o modelo territorial e a industrialização produzia três culturas distintas quanto ao público, à estética e à produção de subjetividade: a cultura de massa, a de elite e a popular. Agora, encontramos-nos em uma cultura planetária estilhaçada em diferentes esferas locais, onde a história se refrata e se fractaliza, segundo os interesses do consumo e do capital. As resistências ao consumo massificado transformaram-se em mercados segmentados de consumo alternativo (diet, light, cult, etc) O slogan revolucionário ‘É proibido proibir’ virou anúncio de cigarros.

A segunda questão nos coloca o paradoxo entre as ideias de ‘globalização econômica’ e de ‘globalização cultural’ que mais parece um debate entre economistas surdos e antropólogos cegos: para uns a internacionalização das relações de produção estão destruindo as identidades locais; para outros, ao contrário, a globalização econômica é resultante de vários séculos de integração cultural. O que pouco se discute, no entanto, é que no cerne desta contradição entre o aspecto material e o cultural, é que estão as relações de poder entre os povos e a sua história.

A terceira questão é ainda mais difícil de enunciar, uma vez que, de certa forma, inclui as indagações anteriores. Mudanças nas relações de produção, de poder e de

experiência caracterizam uma mudança global em nosso modelo de acoplamento estrutural mútuo - nossa cultura - e nos coloca um desafio em relação meio ambiente.

Resta saber em que medida pode-se responder a essas questões e, principalmente, como se comportar a partir deste tríplice imperativo de mudança estrutural.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1985.

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BAITELLO JR., N. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BENJAMIM, Walter. Obras Escolhidas, v. I, **Magia e técnica, arte e política**. (trad. S.P. Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Edusp, 1998.

BYSTRINA, I. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. São Paulo: PUC/SP, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação - Economia, Sociedade e Cultura**, três volumes: A Sociedade em Rede; O Poder da Identidade; O Fim de Milênio. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. (Originalmente publicado em 1913) In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

_____. O futuro de uma ilusão. (Originalmente publicado em 1927) In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969b.

_____. Mal estar da Civilização. (Originalmente publicado em 1929) In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969c.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o socialismo**. In Cadernos de Cárcere. Volume três. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo, Cultrix & Edusp, 1976.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro, ed. Tempo Brasileiro, 1984.

KERCKHOVE, D. **A pele da Cultura**. Lisboa: Relógio d'água Editores, 1997.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação** (trad. I.Blinkstein e José P. Paes). São Paulo: Cultrix, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural I e II**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967 e 1976.

LEVY, Pierre. **Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARX & ENGELS. **O Manifesto Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MCLUHAN, M. **Os meios de Comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas II - O Espírito dos Tempos (Necrose)**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1992.

WIENER, Norberto. **Cibernética e Sociedade**. São Paulo: Cultrix, 1954.

VARELA, Francisco; MATURANA, Humberto. **A Arvore do Conhecimento**. São Paulo: Palas Atenas, 2001.